

Serpentes do Butantan *livro de colorir*



Instituto Butantan

Em 1899 o local onde hoje se encontra o Instituto Butantan era uma fazenda de café, a Fazenda Butantan. Aqui, o médico mineiro Vital Brazil, estudioso dos problemas de saúde pública e primeiro diretor do Butantan tinha como missão combater a peste bubônica vinda da Europa e que se propagava pelo Brasil. O laboratório criado para este fim foi reconhecido como instituição em 1901, quando oficialmente foi criado o Instituto Serumtherapico, que depois veio a ser chamado de Instituto Butantan.

O principal interesse de Vital Brazil como cientista era descobrir uma forma de tratar as picadas de cobra, um importante problema de saúde pública. Para que pudesse pesquisar formas de produzir um soro antiofídico eficiente, o médico precisava de muitas serpentes para extrair seu veneno. Pensou então em uma forma engenhosa de conseguir estes animais: pediu que fazendeiros, agricultores, e moradores de todo o estado e de outras regiões do Brasil enviassem cobras para o Butantan, para que pudessem ser estudadas. Ao mesmo tempo, percebeu a importância de compartilhar com a sociedade os resultados de suas pesquisas, tanto para provar a todos que o soro antiofídico era o melhor tratamento para as picadas de cobras, quanto para ensinar às pessoas como evitar estes acidentes. Através de suas pesquisas com as centenas de serpentes enviadas para o Instituto Butantan, Vital Brazil conseguiu descobrir a melhor maneira de fabricar o soro, e ainda provar para o mundo que são necessários diferentes tipos de soros para tratar picadas de cobras que pertencem a grupos diferentes.



Museu biológico

Atualmente, o Butantan é um importante produtor de soros e vacinas, além de centro de pesquisas. Os cientistas que aqui trabalham desenvolvem pesquisas sobre diversos temas, como animais venenosos, bactérias e vírus.

A área que era a antiga fazenda é hoje em dia coberta por uma floresta que abriga muitas espécies de plantas e vários animais silvestres, como aves, morcegos, gambás, lagartos, sapos, aranhas e muitos insetos. Os pesquisadores do Butantan também estudam estes animais e plantas do parque, para poder conhecer melhor e manter essa área importante para a biodiversidade urbana.

O Museu Biológico do Instituto Butantan teve sua origem em 1912, a partir da coleção usada por Vital Brazil para dar palestras e cursos para a população. Desde esta época, suas exposições trazem para os visitantes informações sobre animais, especialmente serpentes. Juntamente com as exposições, as atividades que o Museu Biológico oferece ao público procuram aproximar as pessoas e a biodiversidade, e conhece-la um pouco mais e melhor. O conhecimento sobre nossa fauna e flora, e sua conservação, estão intimamente ligados à manutenção da saúde da população, uma das principais missões do instituto Butantan.

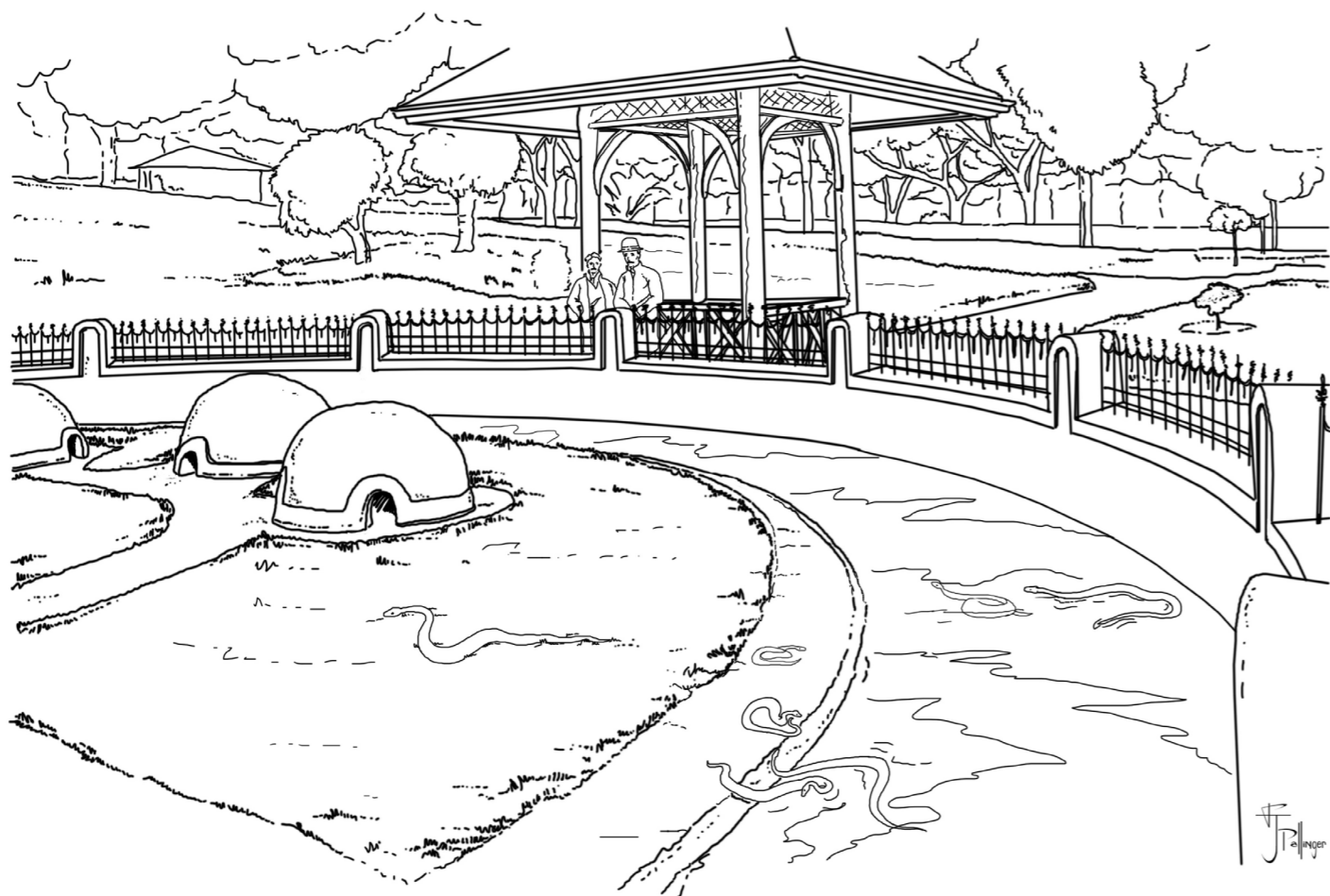


Depois de ocupar diferentes salas e prédios do Instituto Butantan, desde a década de 60 o Museu Biológico está situado na antiga cocheira que abrigava os cavalos usados no processo de fabricação do soro antiofídico.

As exposições mostram animais da fauna brasileira e alguns animais exóticos, especialmente serpentes peçonhentas e não-peçonhentas, mas também aranhas, sapos, lagartos, escorpiões e insetos.

Um dos objetivos de apresentar estes animais aos visitantes é mostrar como podem ser fascinantes e diversos, e apontar seu papel fundamental no ambiente em que vivem.

Serpentário

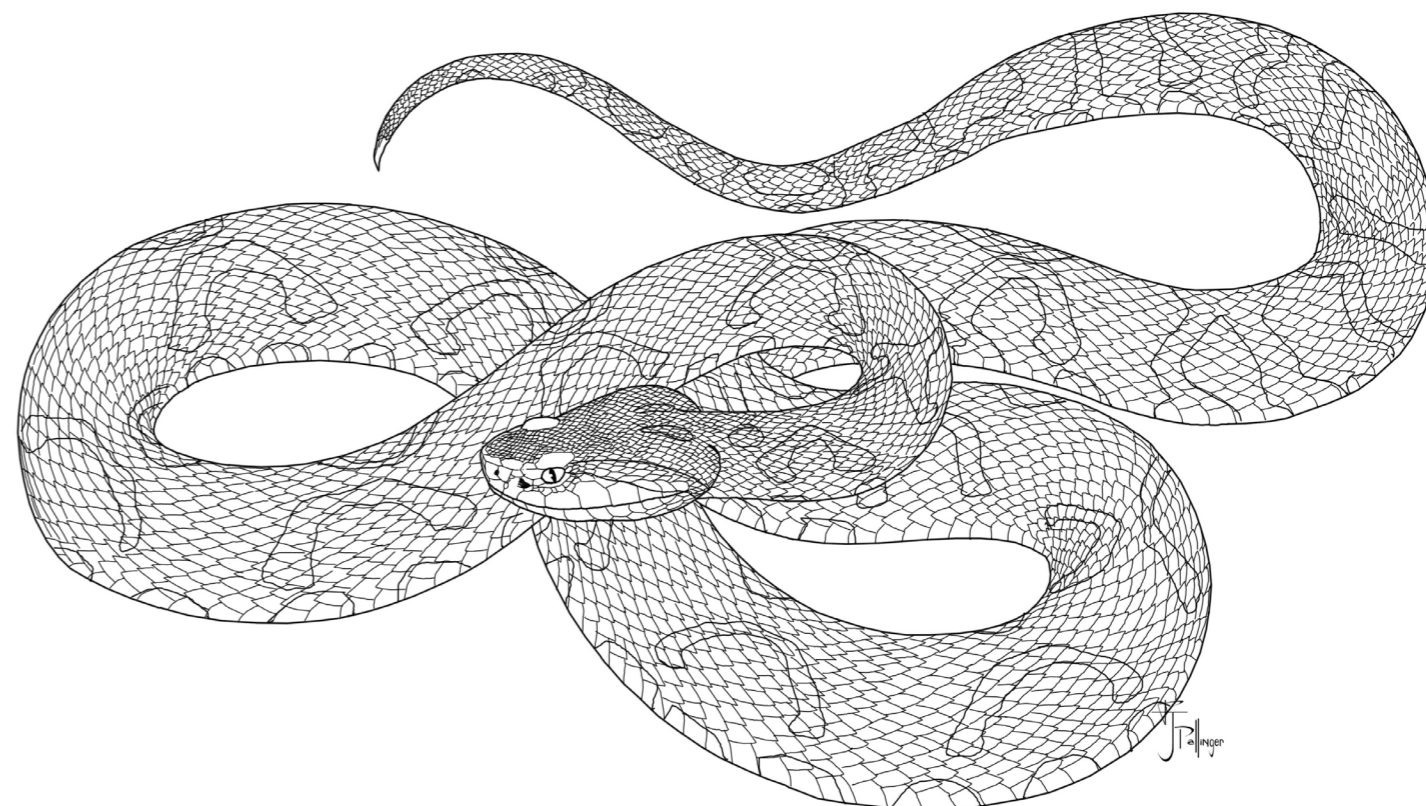


O grande número de serpentes que chegavam ao Butantan, assim como as demonstrações que Vital Brazil fazia para o público, levaram à construção de um local para abrigar os animais e para que estes pudessem ser mantidos para a extração de veneno e serem vistos pelos visitantes, conhecido como o Serpentário. Nos primeiros 20 anos após sua fundação, o Instituto tornou-se internacionalmente famoso como a "fazenda de serpentes do Butantan", por causa das atividades que ali aconteciam.

Atualmente, o serpentário é o local onde as pessoas tem a possibilidade de observar algumas serpentes em um ambiente aberto, mais próximo de como seria se estivessem na natureza. Além disso, o serpentário também é utilizado para pesquisas científicas.

Jararaca

Bothrops jararaca



A jararaca é uma cobra comum na Mata Atlântica. Pode ser identificada pela presença de um orifício perto das narinas, chamado de fosseta loreal, e pelo padrão de manchas triangulares ao longo de todo o corpo. É um animal noturno, que pode ser encontrado no chão e às vezes também em árvores. Os filhotes de jararaca se alimentam de pequenos anfíbios e lagartos e os adultos se alimentam de pequenos mamíferos, principalmente roedores.

A jararaca é venenosa e pode ser agressiva. É responsável pela maioria dos acidentes envolvendo seres humanos.

Salamanta

Epicrates cenchria



Essa serpente é da mesma família das jiboias e sucuris. É conhecida pelo nome de salamanta, mas também pode ser chamada de jiboia-arco-íris, já que suas escamas emitem um brilho colorido sob a luz do sol. É uma cobra terrestre, costuma ser mais ativa durante a noite e seus alimentos preferidos são aves e mamíferos. Como não tem veneno, suas presas são capturadas com uma mordida e imobilizadas por pressão do seu próprio corpo, um método chamado de constrição.

Dormideira

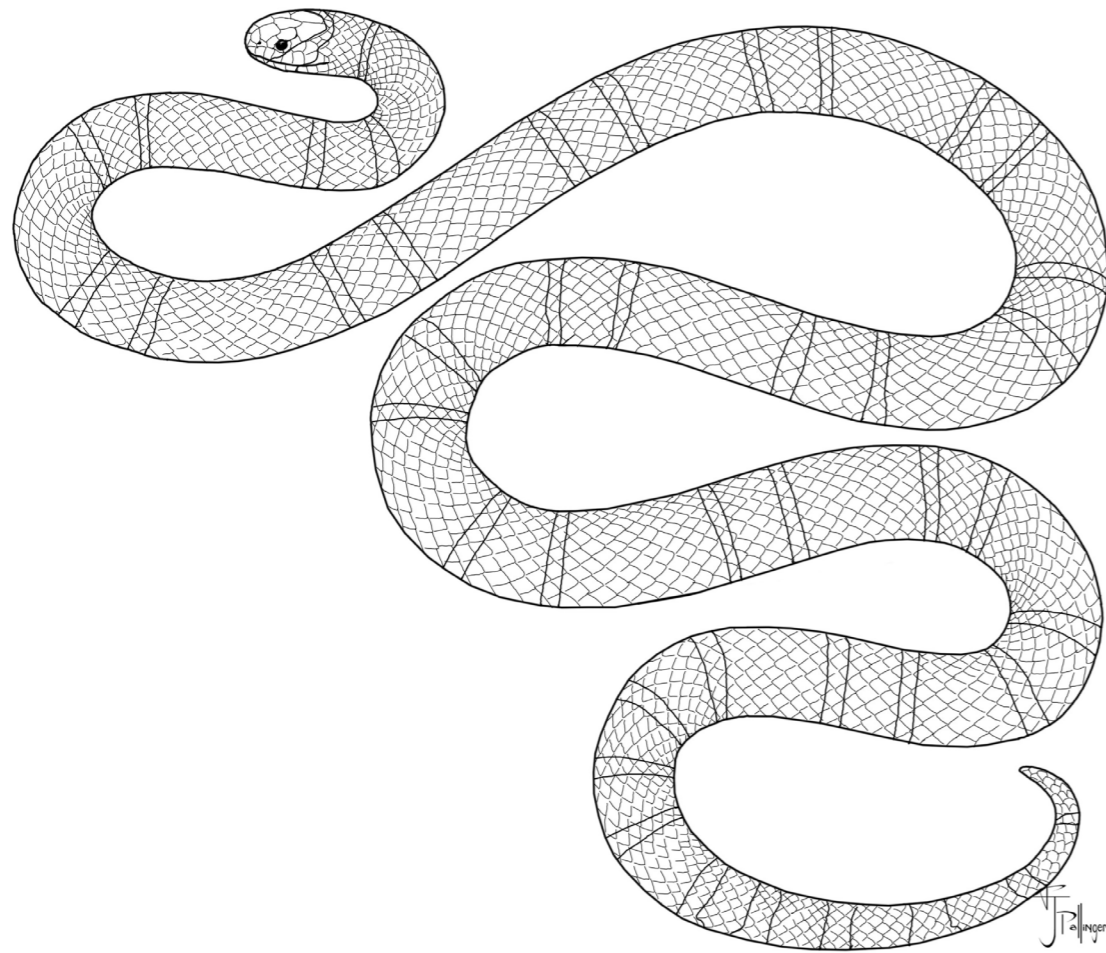
Sibynomorphus mikanii



A dormideira é uma serpente pequena, terrestre, com hábitos noturnos e totalmente inofensiva para os seres humanos. Ela se alimenta de lesmas e caracóis, por isso pode ser frequentemente encontrada em hortas e plantações de verduras, onde esses pequenos invertebrados são comuns. Ela não tem veneno e, ao invés disso, algumas especializações no seu crânio e mandíbula permitem que ela consiga retirar o molusco de dentro da concha sem quebra-la.

Cobra-coral

Micrurus corallinus



Identificada facilmente pelo seu padrão de anéis coloridos, a cobra-coral é uma serpente que passa grande parte da sua vida embaixo das folhas mortas e dos troncos, no solo da floresta. É muito comum no Brasil, e alimenta-se de outras cobras, ou animais de corpo alongado, como anfisbênias (cobras-de-duas-cabeças) e cecílias (cobras-cegas). Existem muitas espécies de cobra-coral e também das chamadas "falsas-corais", inofensivas aos seres humanos.

Já as corais-verdadeiras são muito venenosas e podem causar acidentes. Apesar de serem tão venenosas, as corais não são agressivas e causam poucos acidentes.

Cobra-verde

Philodryas olfersii

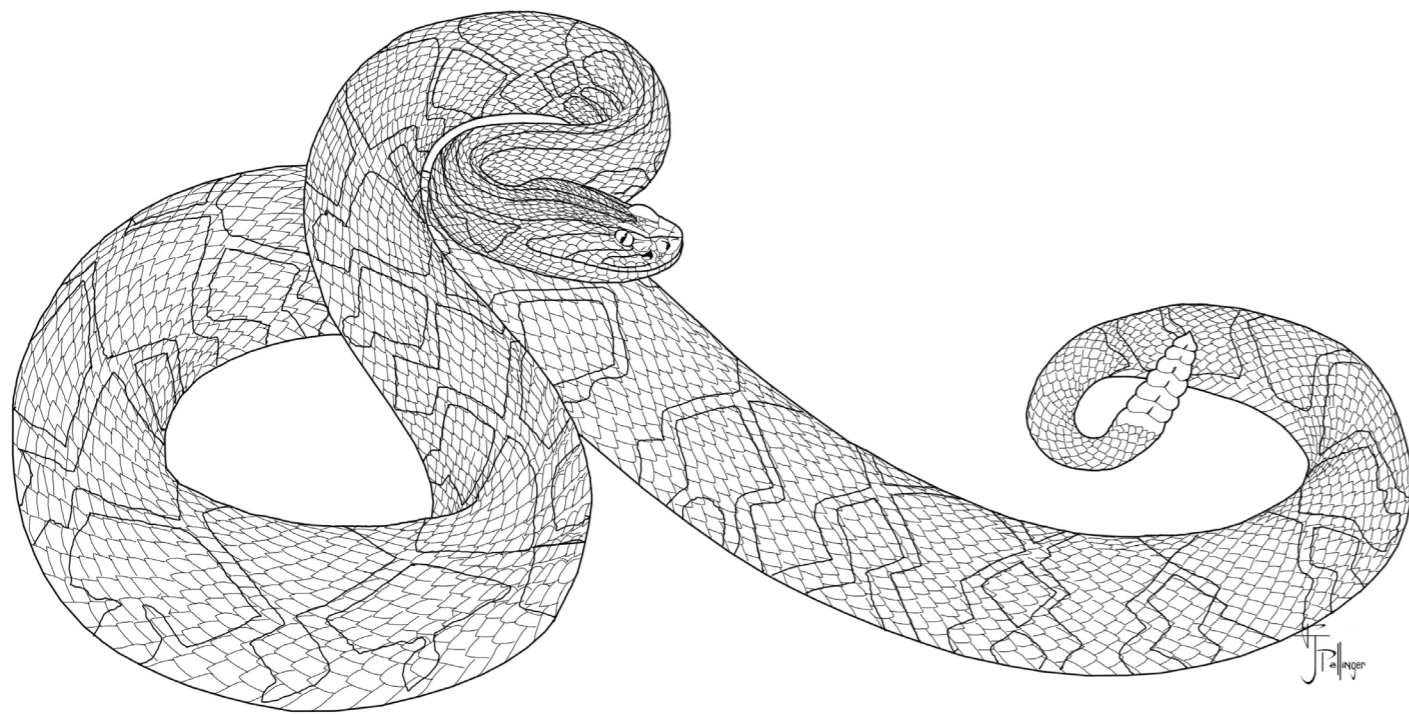


Existem muitas cobras de cor verde na natureza, e todas são conhecidas popularmente como cobra-verde, apesar de serem, muitas vezes, espécies totalmente diferentes. Essa cobra é bastante comum em vários lugares do Brasil, e apesar de não ser perigosa como a jararaca ou a cascavel, ela possui veneno e pode causar acidentes. Pode ser encontrada no solo ou em árvores, e sua atividade é principalmente diurna. Pode comer vários tipos de pequenos animais,

como sapos, lagartos, e pequenos mamíferos.

Cascavel

Crotalus durissus

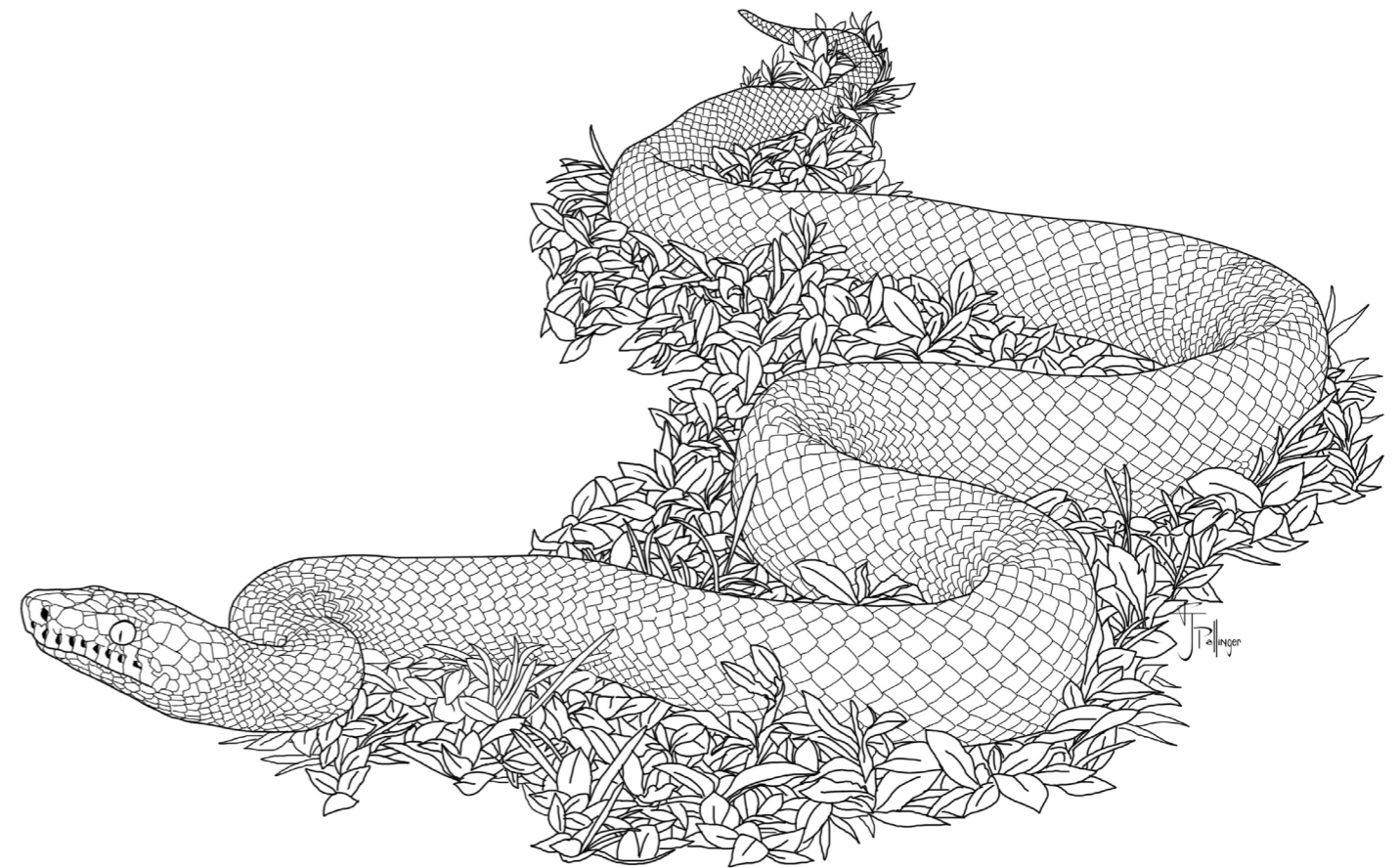


A cascavel é facilmente reconhecida na natureza devido à presença do chocalho na ponta da cauda. Ao contrário do que muitos pensam, o chocalho não possui veneno e sua função é associada ao comportamento de defesa do animal. Quando a cobra se sente ameaçada ela balança o chocalho, para avisar ao possível inimigo que ela está ali e pode atacar! Os anéis do chocalho não indicam a idade dela, e sim as trocas de pele. A cascavel é uma cobra venenosa e causa muitos acidentes no Brasil. É

comum em ambientes abertos, como pastos e campos, e vem aumentando sua distribuição por causa do desmatamento. É noturna e se alimenta de pequenos mamíferos, principalmente roedores.

Jiboia-do-Ribeira

Corallus croppani

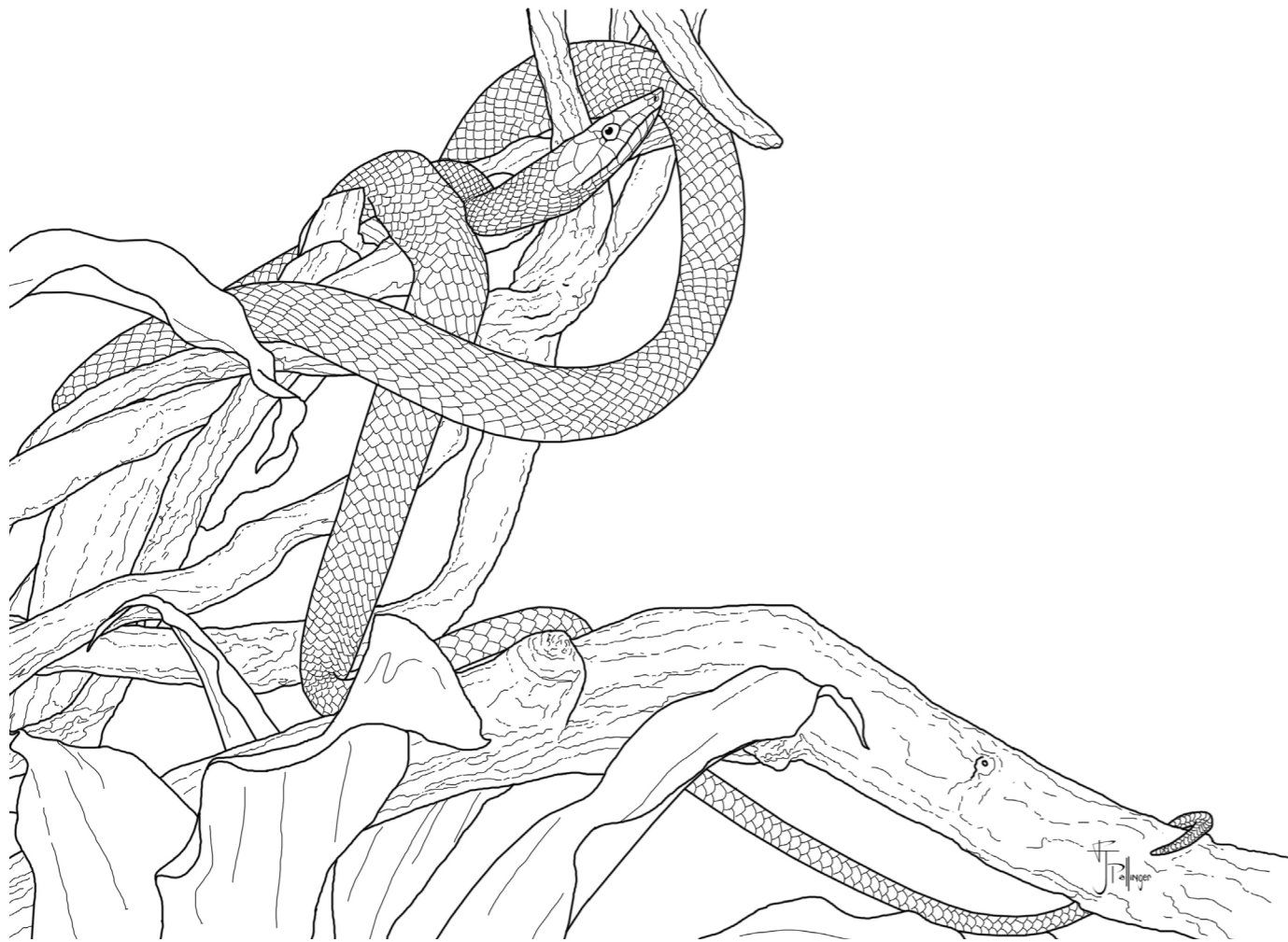


Apenas seis destas jiboias foram vistas até hoje, o que a torna a espécie mais misteriosa e rara de boídeo do mundo. Até onde se sabe, ela só existe no Vale do Ribeira, no estado de São Paulo. O primeiro espécime foi descrito em 1954 por um pesquisador do Instituto Butantan, e muitos anos se passaram até que outros animais como este aparecessem. Recentemente, pela primeira vez esta linda jibóia foi encontrada viva, e agora os cientistas vão estudá-la melhor na natureza para

aprender onde e como ela vive. Como todas as jiboias, a jiboia-do-Ribeira não é venenosa, e captura suas presas usando a constrição. É considerada uma espécie em risco de extinção, e é muito importante que seja protegida. Para isto, precisamos não só conhecê-la melhor, mas também preservar a região da Mata Atlântica onde é encontrada.

Bicuda

Oxybelis fulgidus



As bicudas, também chamadas de cobras-cipó ou paranaboias, são cobras arborícolas que passam a maior parte da vida em árvores. As cobras-cipó apresentam uma grande variedade de formas e cores e, apesar da espécie da figura ser verde, existem espécies cinzas e marrons, imitando a coloração dos galhos das árvores.

Essa cobra tem uma característica interessante, que é o focinho comprido que deu origem ao seu nome popular. O focinho alongado contribui para uma

visão apropriada para a vida nas árvores, auxiliando na captura de suas presas, principalmente animais ágeis como pássaros e lagartos. Além disso, a bicuda tem o corpo alongado, que facilita a subida nos galhos. Esta espécie é rara na natureza, e não é considerada uma cobra venenosa para seres humanos.

Textos e Organização

Eletra de Souza
Erika Hingst-Zaher
Luciano M Lima
Giuseppe Puerto

Imagens

Frederick Pallinger

Design gráfico

Núcleo de Produções Técnicas

Realização

Instituto Butantan
Museu Biológico

Apoio

FAPESP
Fundação Butantan



fundação
butantan

ib butantan

